EDUARDO LOURENÇO, ENTRE POESIA E FILOSOFIA

Assim me tornei num ensaísta, nem poeta nem filósofo
Eduardo Lourenço, 2008

Eduardo Lourenço de Faria nasceu em 23 de maio de 1923 em São Pedro de Rio Seco, concelho de Almeida, distrito da Guarda, e faleceu em Lisboa a 1 de dezembro de 2020, aos 97 anos de idade. Em 2023 decorreu o centenário do nascimento, que diversas entidades decidiram celebrar ao longo de todo o ano em tributo à sua longeva atividade de professor, autor, pensador, cidadão interveniente. Resultou daí um plano, mais ou menos auto-organizado, de comemoração nacional do pensador e da sua obra, com o título comum *Pensar Eduardo Lourenço. Jornadas Internacionais do Centenário (1923-2023)*. Dessas atividades fez parte um ciclo de periodicidade mensal, de preferência no dia 23 de cada mês, dia escolhido por óbvias razões comemorativas, cabendo a cada instituição propor uma atividade, a respetiva data e tema. O número de instituições cooperantes foi vasto, no país e no estrangeiro, como se pode constatar pela página do centenário (https://centenarioeduardolourenco.pt/) coordenada pelo Centro de Estudos Ibéricos, uma instituição querida, inspirada e constituída na Guarda por iniciativa de Eduardo Lourenço.

Por iniciativa do grupo de investigação "Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal", o Departamento de Filosofia e o Instituto de Filosofia da Universidade do Porto propuseram a organização do Congresso "*Pensar Eduardo Lourenço: Filosofia e Poesia*", que viria a ser celebrado no Porto de 29 de novembro a

DOI: https://doi.org/10.21747/21836892/fil41pref

1 de dezembro de 2023, em coorganização com o Centro de Literatura Comparada Margarida Losa e a Fundação de Serralves, instituição onde decorreu o encerramento do Congresso.

A longevidade de Eduardo Lourenço tem um paralelo fecundo na extensão e multidão de ramificações da sua obra, extensa como várias vidas. Não é exagerado descrevê-la assim, perante os 13 volumes que as suas Obras Completas já levam, recolhidas em grandes tomos antológicos publicados pela Fundação Calouste Gulbenkian desde 2011, em paralelo com os muitos volumes singulares da outra série de Obras Completas, essa publicada pela Gradiva Editores. E muito está ainda por recolher, sobretudo se pensarmos em inéditos e dispersos na imprensa, ou na miríade de entrevistas que deu. Essa obra vasta constitui um estimulante laboratório de leituras ricas e invulgares sobre tudo o que interessa à natureza humana, em particular as sempre fascinantes aventuras pela exploração de articulações entre filosofia e poesia, um diálogo que atravessa a filosofia desde as suas origens na Grécia, onde a filosofia nasceu como poesia, e que a poesia retribuiu não mais deixando de se impregnar e proliferar em inquietações filosóficas, apesar da influente diatribe política de Platão contra a poesia. Eduardo Lourenço deixou-se seduzir pelos mistérios dessa geminação e que tanto o inspirou, por isso constituindo, como se verá neste volume, uma via de acesso ao seu pensamento. Um pensamento que declinou oferecer-se em sistema, preferindo as formas do diálogo, da conferência, da interpelação, do debate, sobretudo do ensaio.

Em breve passagem do curto prefácio ao livro *Os poemas da minha vida*, Eduardo Lourenço escreveu:

> Em si mesma, para cada um de nós, no momento em que nos toca, como se fosse o dedo de Deus, a Poesia esconde-nos da morte. É o único céu portátil de que estamos certos. Um céu de palavras, que de século em século se comunicam a queimadura celeste que a vida deixou nos nossos vulneráveis corações.
>
> Essa palavra que tocando-nos nos "trespassa", como dizia Montaigne, pode não ser aquela que a fama ou a idolatria preservam como poema consagrado, versão profana do texto santo. A mais obscura, por vezes a mais indigente [poesia], pode cumprir esse ofício, o de nos provocar aquele espanto feliz que nem razões pede ou exige, como o da filosofia, interjeição infinita em si mesma repousada. (Eduardo Lourenço, *Os poemas da minha vida*, Público, Lisboa 2006, p. 7)

A escrita íntima, cósmica e paradoxal de Eduardo Lourenço convida a pensar e a escrever como os poetas e a ver as conexões discretas entre o que parece totalmente separado. O *espanto* perante o mundo que, segundo Aristóteles, suscita a filosofia, transfere-o Lourenço para a poesia, que assim se lhe assemelha. Eduardo Lourenço encontra os abismos do mundo em cada verso e cada poema parece arrastá-lo para o

espanto feliz, idêntico ao que a filosofia proporciona, mas aquele sem pedir ou exigir razões. A palavra que trespassa, por empréstimo de Montaigne, não deixa que um só poema se esgote, mas aí fique para sempre a provocar, a queimar os corações, *de século em século*.

Deliberadamente ou fruto dos atalhos da vida, Eduardo Lourenço abriu um caminho próprio entre formas literárias, como escreveu no ensaio de autointerpretação «Eu ensaísta me confesso» (em *Iberografias*, 12, 2008; recolhido em Eduardo Lourenço, *Vida partilhada. Todos nós ibéricos*, em *Iberografias* 44, edição comemorativa "Centenário Eduardo Lourenço, 1923-2023", Guarda 2023, pp. 107-112). Foi no tempo de juventude, onde todas as explicações radicam, como pretendem os que escrevem *confissões*, que as escolhas se tornaram definitivas:

> Num certo momento do meu percurso, ainda jovem, desviei-me dessa tentação ou tentativa de querer também aceder à categoria filosófica para derivar para um caminho, entre filosofia e literatura. Esse caminho médio, na ordem dos estudos, na ordem da reflexão, é representado pela criação, pela invenção, que é um acontecimento da História Cultural do Ocidente chamada "ensaio". Um ensaio é uma coisa que não tem estatuto, imperativo de ser um conhecimento do mais perfeito, do ser, da natureza, do cosmos, mas que é uma reflexão de tipo universalizante, aberta, com uma grande carga de subjetividade e que foi efetivamente inventada sobre essa forma por Montaigne. (Ibidem, p. 109).

De novo sob a figura tutelar de Montaigne, a *deriva do caminho* levou-o, como diz a seguir, a «pensar por imagens, por intuições», abdicando dos encadeamentos de conceitos, coerentes mas fechados sobre si mesmos, que caracterizam a filosofia e que tinha experimentado na tese de licenciatura sobre o sentido da dialética em Hegel, defendida em 1946 e publicada em versão revista em *Heterodoxias*, de 1949, o seu primeiro livro. Ainda no mesmo ensaio confessional, olhando para trás, Lourenço dirá que com o simultâneo abandono da ambição de totalidade hegeliana, a simultânea descoberta do pensamento de Kierkegaard e da obra de Pessoa, se consumou a abertura para outra forma de pensar, para a liberdade infinita da procura do que não se encontra, para uma reflexão sem fim. Retrospetivamente Eduardo Lourenço descobre-se num lugar outro, fora de ambos os mundos: «Assim me tornei num ensaísta, nem poeta nem filósofo» («Eu ensaísta me confesso», cit., p. 111). A dialética do *nem nem*, permite vaguear por ensaios e labirintos, tudo denegando como penitente, sempre maravilhado poeta da filosofia e filósofo da poesia. Fora de dois mundos, mas apenas para melhor os expandir como literatura que religa.

Ainda no mesmo texto, concordando com a apreciação proposta por João Tiago Pedroso de Lima na obra *Existência e Filosofia: o Ensaísmo de Eduardo Lourenço* (Campo das Letras, Porto 2008), reconhece

> que de facto, tenha convertido o Pessoa em matéria de perplexidade, de reflexão sem fim, de pensamentos que abrem para tudo e para nada, que parecem contraditórios e inconciliáveis, mas que são o mais ardente exercício, não só da liberdade de pensar, mas como da liberdade de imaginar o que não existe. («Eu ensaísta me confesso», cit., p. 111)

Percorrendo a obra de Eduardo Lourenço é a conversão irreverente que vemos mobilizar para ler os poetas como filósofos do mundo, não apenas Pessoa, e neles vasculhar o impensado da linguagem, da cultura, da história, da consciência ou das ideologias. O que diz de Pessoa está também a dizê-lo da poesia e do seu próprio ensaísmo. Nas suas duas obras mais conhecidas e mais citadas, também neste mesmo volume, que são as *Heterodoxias* (3 volumes, de 1949, 1967, 2010, reunidos em Obras completas, vol. I, Gulbenkian, Lisboa 2011) e *O labirinto da saudade* (de 1978, agora nas Obras completas, vol. XIII, Gulbenkian, Lisboa, 2023, reunido com *Outros ensaios sobre a cultura portuguesa*) encontramos a celebração de bodas permanentes entre a filosofia e a literatura, que Lourenço foi festejando desde essa conversão de juventude e por mais de 70 anos. O ensaio central de *O labirinto da saudade*, intitulado «Da literatura como interpretação de Portugal», tem o discreto subtítulo: «De Garrett a Pessoa» e nele a literatura, de facto a poesia, é lida como um longo projeto transpessoal de problematização escrita da relação entre a consciência individual e a ideia de pátria, mítica ou real, imaginada ou ressentida. Há um granulado trágico que assoma nos versos escolhidos que mostram o tempo passado, presente ou futuro, e precisam de ser trazidos à visão por imagens em um cíclico exercício visionário de revelação sempre inacabada. Para Lourenço o projeto radica em Camões, mas acentua-se no modernismo e, qual hermeneuta de versos inspirados, oferece-se para desvendá-los finalmente como abertura para o tempo que chegou, «o tempo de existirmos e de nos vermos como somos». O ensaio é o modo vivo e dinâmico de dar a ver em espelho o que a poesia pressente e a filosofia não consegue enunciar. Mas, esse *existir e ver como somos* ainda se transcende e escapa a qualquer tentativa de apropriação face a face.

Página a página, ensaio a ensaio, obra a obra, o pensamento lourenciano vai-se desdobrando, alimentado de poesia e de filosofia. Envoltos numa rigorosa arte da construção dos títulos das suas obras, invariavelmente poéticos e filosóficos, Lourenço não enjeita, antes acaricia, um desejo profético que os seus ensaios tantas vezes perecem assumir. Cada título é um programa, desdobrado em tantos programas que ainda interpelam. Foi justamente em resposta a esse apelo que o Congresso desafiou a pensar Eduardo Lourenço nos interstícios da filosofia e da poesia. O tema do Congresso, que parecia um aspeto tão minoritário do pensamento de Eduardo Lourenço, afinal atira os participantes para o cerne mesmo de uma obra fecunda, sempre contrabandeando entre formas de pensar gémeas, mas diferentes.

A riqueza do Congresso de certa maneira mimetiza o modo como Eduardo

Lourenço esventra o impensado dos recantos do mundo e os paradoxais sonhos humanos, entre a razão inquieta, a disquisição existencial, a denúncia da desrazão em delírio autodestrutivo, até à heurística da linguagem em constante ebulição, neste caso tomando a sua própria obra como objeto de estudo. As propostas de intervenção recebidas foram organizadas em sessões que deram a medida de um pensamento rico e interpelante, tantas vezes polémico e paradoxal, que este volume apenas em parte reflete, porque o congresso foi ainda mais participado e aberto, com sessões sobre literatura, poesia e criação estética, a questão colonial, lusofonia e poesia, a política entre cultura e educação, a religião e a poesia, o mistério do caos, heterodoxia e poética filosófica, com música e artes em fundo. Dividindo os textos em duas secções, conferências e comunicações, optou-se pela ordenação alfabética dentro de cada uma delas, para que o aleatório também contribua para a sequenciação do pensamento.

O Congresso decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e neste volume estão reunidas algumas das conferências e comunicações então apresentadas. A sessão de encerramento do Congresso teve lugar na Fundação de Serralves, uma instituição com a qual Eduardo Lourenço por diversas vezes colaborou, e que decorreu exatamente no dia do 3º aniversário do seu falecimento. Esta sessão de homenagem e evocação foi dedicada a outros dois temas centrais e permanentes da reflexão e da intervenção cívica de Eduardo Lourenço: por um lado as artes (incluindo-se aí a música e as artes plásticas e performativas), por outro Portugal, o mais enigmático e paradoxal dos temas, um labirinto cujos meandros e paradoxos Eduardo Lourenço esquadrinhou constantemente, no espelho da política, dos acontecimentos, da poesia e do ensaio.

Nessa sessão de homenagem, presidida pela Dr.ª Ana Pinho (Presidente da Fundação da Serralves), intervieram também a Prof.ª Paula Pinto Costa (Diretora da Faculdade de Letras) e a Prof.ª Celeste Natário (Presidente da Comissão Organizadora). Na sessão moderada pela Prof.ª Fátima Outeirinho (Diretora do Instituto de Literatura Comparada), intervieram Barbara Aniello, «Ver e ouvir: os sentidos de Eduardo Lourenço»; João Silvério, «Eduardo Lourenço: Notas sobre Arte – interrogação e revelação»; Augusto Santos Silva, «É Eduardo Lourenço um *repensador* de Portugal?». Em homenageam a Eduardo Lourenço foram executadas peças musicais de alguns dos seus compositores preferidos (cf. *Da música*, Obras completas de Eduardo Lourenço, vol. V, Gulbenkian, Lisboa 2019). Teresa Costa (flauta) e Katerina Orfanoudaki (cravo) executaram peças de Johann Sebastian Bach (primeiro andamento da sonata em si menor), Iannis Xenakis (quatro das *Six Chansons*), e Olivier Messiaen (*Vocalize*).

Agradecimentos

A comissão organizadora do Congresso estava constituída por Celeste Natário (IF), Diana Santos (IF) também secretária permanente da organização, Fátima Outeirinho (ILCML), Jorge Costa Lopes (ILCML), José Almeida (ILCML /APEF), José Meirinhos (IF), Rui Costa (Fundação de Serralves). As tarefas organizativas beneficiaram da gestão eficiente de Isabel Marques (IF). O Congresso contou com o apoio de diversas institutições, nomeadamente a Fundação de Serralves, a Associação Portuguesa de Estudos Franceses (APEF) e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O financiamento foi assegurado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e pela Reitoria da Universidade do Porto. Agradecemos a todas as entidades e pessoas mencionadas a sua participação e o apoio concedido, sem elas não teria sido possível organizar o Congresso. A revista *Filosofia* agradece às editoras deste volume, que nos permite também associarmo-nos a esta merecida homenagem a Eduardo Lourenço. Um agradecimento igualmente enfático vai dirigido a todos os autores e autoras de estudos que aqui publicamos, esperando que contribuam para ampliar a leitura da própria obra de Eduardo Lourenço.

José Francisco Meirinhos
Departamento de Filosofia
Faculdade de Letras da Universidade do Porto